

ALGUMAS LEMBRANÇAS DE SALOMÃO MALINA

Marly Vianna*

Conheci Malina quando entrei, em 1961, para a então Faculdade Nacional de Filosofia e para o PCB. Fazia eu o curso de História e Malina, assistente da nossa base na FNFi, sempre estava por lá. Por um lado, eu o via envolto no mistério que tinha, para uma recém-ingressada no PCB, uma figura próxima à direção. Não convinha saber – e muito menos perguntar – se ele era ou não membro do Comitê Central (não era), mas o fato de ser nosso “assistente”, quer dizer, um quadro designado pela direção do partido para nos ensinar a “linha justa” era suficiente para inspirar o respeito e o mistério com que o via. Por outro lado, Salomão Malina era também uma figura já legendária, o herói da FEB e, principalmente, o defensor, quase que sozinho, da Imprensa Popular. Não sei bem porque fazíamos esses comentários como se fossem meio segredo: “Malina tem as pernas todas feridas e o corpo machucado pelos golpes que levou na defesa do jornal do Partido”. Já era um herói.

Convivia com essa visão respeitosa, no entanto, uma irreverência própria de estudantes e de estudantes comunistas pós-V Congresso do PCB. Embora a maioria de nós não tivéssemos vivido o período anterior às denúncias dos crimes de Stalin,



Salomão Malina

a época era a de aberturas, de caminhos pacíficos, de fuga a tudo que pudesse parecer culto à personalidade. De mistura com a admiração que sentíamos pelo quadro da direção havia também o espírito de uma crítica contundente, tão contundente, aliás, quanto superficial, mas estávamos sempre atentos para qualquer deslize...

Malina certamente sabia das nossas brincadeiras, mas nunca demonstrou aborrecer-se com elas. E a que ponto chegava nossa arrogância! Ele aparecia muitas vezes pela FNFi à hora das refeições e um dia perguntou a um de nós se seria possível conseguir que ele pudesse comer no restaurante universitário da faculdade – um luxo se comparado ao do Calabouço. Alguém lhe respondeu, do alto de sua condição de estudante universitário: “Para comer aqui no restaurante tem que passar no vestibular”. Malina não disse nada e nem demonstrou aborrecimento. Fez o vestibular para o curso de Ciências Sociais e passou num dos primeiros lugares.

A sede do partido no Rio era no edifício Marquês do Herval, onde fica também a livraria Leonardo da Vinci. Um dia, indo em busca de um livro, vejo Malina na livraria. Fiquei espantada, pois não esperava que nosso assistente fosse dado a leituras mais sofisticadas. Ledo engano! Naquele dia, conversando com Malina, na Leonardo da Vinci, percebi sua sólida cultura literária, e foi por

* Professora de História do Brasil da Universidade Federal de São Carlos (SP).

sugestão dele que comecei a ler Thomas Mann, começando com *José e seus irmãos*, romance pelo qual era entusiasmado e que sempre me fará lembrar dele.

Malina sempre me surpreendeu. Não tanto pelo preconceito com que estávamos dispostos a encarar qualquer membro da direção, mas porque para ele, o único que parecia contar era o partido, sua continuidade, disciplina, unidade. Nós o chamávamos muitas vezes de “guarda fiel do partido” e sua dedicação sem limites à organização chegava a ser inesperada.

Modesto, colocava-se sempre fora dos refletores. Essa modéstia quase lhe fez perder, na Conferência de Organização de 1962, em São Paulo, a eleição para membro do Comitê Central: recebeu poucos votos a mais que uma universitária bem falante que defendia, para entusiasmo de parte dos congressistas, a existência do feudalismo no Brasil, em especial no Nordeste, naquela década de 1960.

Depois do golpe de 64, já na clandestinidade, em São Paulo, tive uma maior convivência com Malina e sua família, percebendo a profunda relação de Malina com ela. Quando se tratava de solidariedade, ele estava sempre presente. Em 1965, a primeira vez que saí do país, foi ele quem me recebeu em Porto Alegre e me ajudou a passar a fronteira. Agora, clandestina numa cidade que não conhecia, foi Malina quem nos recebeu para ajudar a montar nosso “aparelho” por lá. Ficamos numa casa que ele conseguiu, além de ajudar a resolver os trâmites burocráticos do aluguel. Mais tarde, recebi a solidariedade de seus filhos, nos momentos mais difíceis da perseguição policial. Foi graças à ajuda de Matheus e um de seus irmãos que consegui fazer uma mudança em condições muito difíceis. Foi graças à ajuda de Matheus que conseguimos salvar todo o arquivo de Astrojildo Pereira. Durante uma semana saíamos de São Paulo para o Rio, lá pelas nove horas da noite, no fusquinha de Matheus, carregado com o material do arquivo de Astrojildo. Chegávamos ao Rio bem cedo – eu dormindo e Matheus dirigindo –, Matheus descansava cerca de uma hora e voltávamos para São Paulo, repetindo tudo na noite do mesmo dia. Foi uma dor muito grande quando soube de sua morte, na mesma via

Dutra que tantas vezes percorrêramos juntos e em condições tão arriscadas.

No final de 1974 saí do país uma segunda vez e só voltei a encontrar Malina no exterior, num período muito difícil da militância partidária. Novamente me surpreendeu a posição de Malina: colocava, acima de tudo, sem mais, o que ele considerava que fortaleceria a unidade partidária, que não conseguiu manter, evitando discussões mais profundas. De qualquer maneira, fomos injustos um com o outro e não encontrei a oportunidade de, mais tarde, discutir com ele toda a situação por que passamos.

Nos anos 1990 reencontrei Malina no Cedem. O primeiro reencontro foi ao mesmo tempo meio cerimonioso e comovido. De outras vezes que nos encontramos lá na Praça da Sé falamos da vida, do meu trabalho, da família, e era evidente que evitávamos o assunto partidário. Mas um dia, em nosso terceiro ou quarto encontro, Malina convidou-me para voltar ao PCB. Eu sorri, ele insistiu pouco, acho que entendeu. Ficamos de conversar, mas a oportunidade não veio – ou nós não a buscamos. Encontrei-o pela última vez no lançamento de seu livro, no Rio, com o carinho de sempre, mas sem condições para conversar. Depois ele se foi.

Relembro Malina com saudade e muita ternura. Ele foi parte de um período importante de nossa história de lutas. Lamento que muita coisa tenha ficado sem resposta. Talvez por gostar muito dele e discordar tanto de suas posições políticas, sempre ficaram dúvidas: será que Malina acreditava nas posições políticas que passou a adotar? Ou acreditava, principalmente, que elas eram a melhor maneira de preservar o partido? Pergunto-me também, dentro da vida atribulada e nada fácil que foi a sua, que sonhos sonhou, quais sonhos realizou, que amarguras calou? Que terá sentido com o desmoronamento do mundo socialista? Aceitar o fim do partido terá sido uma mudança radical de perspectiva ou a crença que seria esta uma maneira de preservar o partido?

Não terei essas respostas e escolho minhas lembranças: a lembrança do digno combatente, do revolucionário, da figura humana cheia de ternura, do meu amigo Salomão Malina.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO-POLÍTICO DO MARXISMO

Edilson Bariani Junior*

Desde meados do século XIX, indubitavelmente, o mundo transformou-se de modo radical; nesse período a tecnologia, a ciência, a cultura, as bases materiais, as instituições, as classes e as relações de poder mudaram substancialmente; o capitalismo consolidou sua dominação na Europa e tornou-se hegemônico em todo o planeta; as percepções e as noções dos homens a respeito do mundo são extremamente diferentes do que eram a 150 anos atrás. Como então uma “teoria”, uma visão de mundo, um ideário – que ainda se pretende um projeto de transformação, uma ciência e um guia para a ação – pôde sobreviver a esse turbilhão histórico? As transformações tão profundas e desafios tão íngremes, uma vez que se põs como a mais acerba crítica ao *status quo*?

O marxismo, afora as várias “mortes” às quais foi condenado pelos catastrofistas de plantão, sobrevive bravamente aos infortúnios; se não tão duro, tão íntegro, jovial e impávido, persiste com dignidade, altivo não tanto em suas vitórias, mas, sobretudo, em sua capacidade de lutar, defrontar-se com as críticas e os desafios de interpretar – e transformar – um mundo em constante mutação. Se houve “interpretações de mundo” que sobreviveram vários séculos, geralmente, vigiram em épocas históricas bem menos dinâmicas ou, ainda, tornaram-se verdadeiros fósseis, subsistindo na curiosidade, no escolasticismo e no dogmatismo

de alguns. O marxismo, baseado num método que privilegia a mudança, reviu-se e renovou-se constantemente por meio de novas interpretações; criaram-se ortodoxias, mas também novas idéias foram incorporadas e, apesar disso, conserva um núcleo básico que ainda hoje resiste como a crítica mais lúcida e inconformista à sociedade capitalista.

Manter vívida a memória e a história do marxismo e retomar algumas de suas questões cruciais parece ser a intenção de Antonio Roberto Bertelli nos livros aqui resenhados; em ambos é feita a crônica do início do século XX até o fim dos anos 1930, um período tanto fecundo quanto difícil para o marxismo, lembrando debates, acontecimentos e personagens dessa grande epopéia que já é a história do marxismo.

Em *Capitalismo de Estado e socialismo* propõe algo que não deixa de ser uma revisão histórica: retomar as formulações de Lênin presentes em alguns textos escritos a partir de 1917 e reinterpretá-las à luz dos fatos: a Revolução de Outubro, a guerra civil, a catástrofe econômica, a NEP e os desafios da construção do socialismo. A tese que o guia é, entretanto, controvertida: para Lênin, o “capitalismo de Estado” seria a forma viável para levar a Rússia – e os povos que ela encampava – ao socialismo. Nas palavras de Bertelli:

[...] os textos que a meu ver representam, no conjunto, a fundamentação teórica de Lênin para elaborar a teoria da transição calcada no “capitalismo de Estado sob o poder soviético” [são:] (“Teses de abril”, “A catástrofe que nos ameaça”, “Poderão os bolcheviques

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia – FCL Unesp/Araraquara.